Consonâncias VI

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

SET–DEZ 2025

© ESTELLE VALENTE

LISBOA 5 DEZ 19H
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

São Carlos em *andamento*

Academia das Ciências de Lisboa
5 de dezembro de 2025, às 19h

Consonâncias VI

Apresentação do concerto pelo musicólogo Rui Campos Leitão

Samuel Barber (1910-1981)

Adagio para cordas, Op. 11

Antonio Vivaldi (1678-1741)

Concerto para quatro violinos n.º 10 em Si menor, RV. 580 *(*de *L'Estro Armonico,* Op. 3*)*
I. Allegro
II. Largo-Larghetto
III. Allegro

Joseph Haydn (1732-1809)

Arianna a Naxos, Cantata, HobXXVIb:2, *versão para meio-soprano e cordas*
I. Recitativo: Teseo mio ben
II. Aria: Dove sei, mio bel tesoro
III. Recitativo: Ma, a chi parlo?
IV. Aria: Ah, che morir vorrei in sì fatal momento

Meio-soprano Rita Coelho
Violinos Maria Bykova, Flávia Marques, Sara Cymbron, Tomás Costa
Direção Musical Antonio Pirolli
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Duração aproximada 40 minutos

Música e Imaginação

A consonância é um conceito que irradia em muitas direções, inclusive no âmbito da própria música. Nas razões matemáticas descobertas por Pitágoras acerca dos intervalos musicais, serviu de base à teoria musical do Ocidente, mas logo transcendeu o alcance da perceção auditiva, apontando para a doutrina da Música das Esferas, segundo a qual a abstração das proporções numéricas sintetiza os ciclos cósmicos orbitais numa ordem tangível. A beleza musical estabelecia um elo entre o humano, o natural e o celestial. Na projeção sucessiva de Platão, juntaram-se os impactos cívicos e éticos na formação dos indivíduos e dos Estados. Distintamente, teólogos medievais como Santo Agostinho e Boécio associaram a consonância musical à confluência entre razão mundana, virtudes morais e leis divinas.

Portanto, a consonância nunca se limitou à música, entendida esta de modo estrito, e a modernidade multiplicou os caminhos possíveis. Um dos mais fecundos é a imaginação, sobretudo desde que a instituição da ideia de repertório nos confronta com programas como este, onde se reúnem obras musicais aparentemente dispersas que expõem a separação entre os contextos originais de produção e renovados propósitos de recriação e fruição das obras. Florescem assim infindas consonâncias, todas elas inflamadas pela música, seja no exercício da escuta melómana, seja em ações criativas consequentes. No livro *L'Air et les Songes* (1943), Gaston Bachelard recorre a uma metáfora para explicar a emergência da imaginação: a harpa eólica, instrumento de cordas que produz sons quando atravessado pelo vento, dando a impressão de tocar sozinho. Do mesmo modo, a imaginação não surge do nada. Por simpatia, ela ressoa com outras existências e cria algo novo. As três obras que hoje ouvimos ou estimulam essa imaginação sensível e criativa, ou dela provêm. Apontamos algumas derivas curiosas.

O *Adagio para cordas* é um bom exemplo de como uma mesma música pode vibrar no mundo de maneiras diversas, conforme o tempo e o lugar. Recuamos até 1936. Distinguido com o Prix de Rome, Samuel Barber dedicava-se então ao aperfeiçoamento artístico numa estadia de cerca de um ano e meio na capital italiana. Pelo meio, aproveitou os meses de verão para se instalar com o seu companheiro Gian Carlo Menotti nos Alpes Aus-

tríacos, nas margens do lago Wolfgangsee, perto de Salzburgo. Foi nesse cenário idílico que compôs o segundo andamento do seu único *Quarteto de cordas*. Ninguém previu o rumo que esse *Adagio* acabaria por tomar, desde logo numa adaptação para orquestra de cordas realizada pelo próprio Barber a pedido de Arturo Toscanini e estreada em Nova Iorque, dois anos mais tarde. Mas só em 1945 lhe foi associada uma carga emocional pungente, aquando do anúncio da morte do presidente Roosevelt, na rádio. Passou então a ter conotações fúnebres e, até mesmo, uma simbologia de resistência patriótica – no assassinato de Kennedy (1963), no desastre do Challenger (1986), no 11 de setembro (2001)... além dos filmes. A pulsação errática e as repetições obstinadas da música prestam-se a isso, sobretudo se for tocada muito lentamente. A partitura indica uma duração de sete a oito minutos, mas há interpretações com dez.

A música de Vivaldi tem igualmente conhecido difusões surpreendentes. É bem conhecido o «renascimento» da sua popularidade no século passado, fruto dos estudos musicológicos e das edições discográficas. Mas já no seu tempo não se cingia ao Ospedale della Pietà, a instituição onde teve origem este *Concerto para quatro violinos*. Em 1711, juntou-se a outros onze concertos do músico veneziano num livro intitulado *L'Estro Armonico* (*A Inspiração Harmónica*), publicado em Amesterdão. Não eram peças fáceis de tocar por músicos diletantes, mas contribuíram muito para a influência do estilo italiano em compositores de toda a Europa – especialmente a estrutura formal do Concerto e o uso do *Ritornello* –, sendo o mais notável J. S. Bach, que teve acesso àquele livro por intermédio do príncipe da corte de Weimar, que o terá adquirido numa das suas viagens. Estudou-o a fundo. Anos mais tarde, já em Leipzig, transcreveu alguns daqueles concertos. O RV 580 transfigurou-se no *Concerto para quatro cravos* BWV 1065. Transcrever é uma forma de imaginar.

Tal como aconteceu com Monteverdi e R. Strauss, o mito de Ariadne também prendeu a atenção de Haydn. Note-se bem que a cantata *Arianna a Naxos* não se destinou ao serviço da corte dos Esterházy. Em 1789, o prestígio acumulado trazia-lhe algumas liberdades, tais como poder tomar a iniciativa pessoal de compor para os seus amigos em Viena. Original para canto e piano, o enredo foca temáticas como a traição, a infidelidade, a desolação e a superação feminina, mas em particular o momento da narrativa em que a princesa de Creta desperta ao nascer do sol na ilha de Naxos. Não avistando Teseu, presume

que tenha ido caçar. Começa por expressar a solidão e o amor que sente. Irrompe depois numa ária de dor e súplica pela presença do rei de Atenas. Porém, subindo a um rochedo, avista ao longe o navio a afastar-se. É então tomada pela afetação da revolta e da vingança. Na ária final, abandona-se em desespero. Haydn nunca orquestrou esta obra. Foi, assim, impressa, primeiro em Viena (1790), depois em Londres (1791), mas não se ficou por aqui. O livro chegou a Nápoles, poucos anos mais tarde, e alguém fez esta adaptação para canto e ensemble de cordas – terá sido, porventura, o erudito e colecionador Giuseppe Sigismondo. Orquestrar também é uma forma de imaginar, de criar novas consonâncias.

Rui Campos Leitão
Musicólogo

Samuel Barber

(1910-1981)

Antonio Vivaldi

(1678-1741)

Joseph Haydn

(1732-1809)

Arianna a Naxos

Adagio

Teseo mio ben, dove sei tu?
Vicino d'averti mi parea ma un
lusinghiero sogno fallace m'ingannò.
Già sorge in ciel la rosea Aurora
e l'erbe e i fior colora Febo
uscendo dal mar col crine aurato.
Sposo adorato, dove guidasti
il piè?
Forse le fere ad inseguir ti chiama
il tuo nobile ardor.
Ah vieni, O caro ed offrirò più grata
preda a tuoi lacci.
Il cor d'Arianna amante, che t'adora
costante, stringi con nodo più tenace
e più bella la face splenda del
nostro amor.
Soffrir non posso d'esser da te divisa un
sol istante.
Ah di vederti, O caro, già mi stringe il
desio.
Ti sospira il mio cuor. Vieni,
idol mio.

Aria

Dove sei, mio bel tesoro?
Chi t'invola a questo cor?
Se non vieni, io già mi moro,
Né resisto al mio dolor.

Se pietade avete, O Dei,
Secondate i voti miei;
A me torni il caro ben.
Dove sei? Teseo!

Arianna em Naxos

Adágio

Teseu meu bem, onde estás?
Parecia-me ter-te a meu lado,
mas era apenas um doce sonho enganador.
Já no céu se ergue a rósea Aurora
e brilham as ervas e as flores com Febo
surgindo do mar com suas crinas douradas.
Esposo adorado, onde te levam teus
passos?
Talvez a caçar feras bravias te chame
teu nobre ardor.
Ah vem, amor, e serei eu mais grata
presa para os teus laços.
O coração amante de Ariana, constante na
adoração, abraça com nó mais apertado
e brilhe ainda mais bela a radiosa face
do nosso amor.
Não consigo viver separada de ti um só
momento.
Oh, amor, como me domina já o desejo de
ter ver.
O meu coração suspira por ti. Vem,
meu bem-amado.

Ária

Onde estás, meu belo tesouro?
Quem te rouba a este coração?
Se não vens, eu morrerei,
Não resisto à minha dor.

Se tendes piedade, ó Deuses,
dai ouvidos ao meu pedido;
e volte para mim, o meu bem-amado.
Onde estás? Teseu!

Recitativo

Ma, a chi parlo? Gli accenti eco ripete sol.
Teseo non m'ode, Teseo non mi risponde, e portano le voci e l'aure e l'onde.
Poco da me lontano esser egli dovria.
Salgasi quello che più d'ogni altro s'alza alpestro scoglio: ivi lo scoprirò.
Che miro? O stelle! Misera me!
Quest'è l'argivo legno, Greci son quelli.
Teseo! Ei sulla prora!
Ah, m'inganassi almen ...
No no, non m'inganno.
Ei fugge, ei qui mi lascia in abbandono.
Più speranza non v'è, tradita io sono.
Teseo, Teseo, m'ascolta Teseo!
Ma oimè! Vaneggio.
I flutti e il vento lo involano per sempre agli occhi miei.
Ah, siete ingiusti, O Dei se l'empio non punite! Ingrato!
Perchè ti trassi dalla morte?
Dunque tu dovevi tradirmi?
E le promesse, e i giuramenti tuoi?
Spergiuro! Infido! Hai cor di lasciarmi!
A chi mi volgo? Da chi pietà sperar?
Già più non reggo:
Il piè vacilla, e in così amaro istante
sento mancarmi in sen l'alma tremante.

Recitativo

Mas, a quem falo eu? Só o eco repete minha voz.
Teseu não me ouve, Teseu não me responde, e o vento e as ondas levam as palavras.
Não deverá estar muito longe.
Se subir àquele rochedo que mais alto que todos se ergue, daí o descobrirei.
Que vejo? Ó céus! Pobre de mim!
É o barco de Argos, são gregos aqueles.
Teseu! É ele na proa!
Ah, a menos que me engane...
Não, não, não me engano.
É ele que foge, deixa-me aqui abandonada.
Já não há esperança, fui traída.
Teseu, Teseu, ouve-me, Teseu!
Mas, ai de mim! Deliro.
Roubam-no as vagas e o vento para sempre aos meus olhos.
Ah, sois injustos, ó Deuses se este ímpio não castigais! Ingrato!
Para que te tirei eu da morte?
Para que tu me traísses?
E as promessas, e os teus juramentos?
Perjuro! Infiel! Tens coragem de me deixar?
A quem me volver? De quem esperar compaixão?
Não consigo já segurar-me:
Sinto vacilar os pés, e em tão amargo momento
sinto faltar-me no peito
a alma tremente.

Aria

Ah! che morir vorrei
In si fatal momento,
Ma al mio crudel tormento
Mi serba ingiusto il ciel.

Misera abbandonata
Non ho chi mi consola.
Chi tanto amai s'invola,
Barbaro ed infidel.

Ária

Ah! Quisera morrer
em tão fatal momento,
mas a este cruel tormento
me destina injusto o céu.

Pobre abandonada
não tenho quem me console.
Foge quem tanto amei,
bárbaro e infiel.

Tradução de José Lima

© FÁBIO CUNHA

Rita Coelho

Meio-soprano

Natural de Lisboa, iniciou o seu percurso no canto no Conservatório Nacional, tendo frequentado a classe de Manuela de Sá. Posteriormente, concluiu a licenciatura em canto com Isabel Alcobia, na Universidade de Aveiro. Ao longo do seu percurso, trabalhou no âmbito de interpretação e aperfeiçoamento vocal com Lúcia Lemos, Orlanda Velez Isidro, David Santos, Jill Feldman, Ulrike Sonntag, João Paulo Santos, Helen Lawson, Brian MacKay, Pierre Mak e Anna Samuil. Dentro do repertório operático, já interpretou Second Witch em *Dido and Aeneas* de Purcell, Nicklausse em *Les contes d'Hoffmann* de Offenbach, Kate Pinkerton em *Madama Butterfly*, La maestra delle novizie em *Suor Angelica* de Puccini, Mrs. Nolan em *The Medium* de Menotti, e Mercedes em *Carmen* de Bizet. Desde 2021 que integra o Coro do Teatro Nacional de São Carlos, no naipe dos meios-sopranos. Rita Coelho foi a vencedora do Grand Prix Égide 2025, no Cascais Ópera — Concurso Internacional de Canto, distinção que se traduziu no convite do OPART/TNSC para se apresentar como solista neste concerto.

© DR

Maria Bykova

Violino

Com apenas cinco anos, iniciou a sua jornada no violino sob a tutela do pai, o seu primeiro e fundamental mentor. A busca pela excelência levou-a à classe de Aníbal Lima, na Academia Nacional Superior de Orquestra, culminando num mestrado em interpretação na prestigiada Codarts, em Roterdão, com Natalja Morozova. Durante a sua residência na Holanda, destacou-se pela intensa atividade camerística, integrando o Indigo Piano Quartet, Nostos String Quartet e Rotterdam Ensemble. O seu talento levou-a a atuar em eventos de renome como o Gergiev Festival e o Wonderfeel Amsterdam, interpretando obras de Gabriel Prokofiev. A sua arte ecoou também pela Europa, com atuações em festivais de câmara na Filarmonia de São Petersburgo. Desde 2021, é membro da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

© DR

Flávia Marques

Violino

Iniciou os estudos musicais aos 12 anos na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, na classe de violino de Armando Gonzalez. Prosseguiu a sua formação na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, sob a orientação de Zofia Wóycicka, onde concluiu a licenciatura em violino. Posteriormente, obteve o mestrado em música na Universidade de Aveiro, integrando a classe de Nuno Soares. Desde o início da carreira que se focou no trabalho em orquestra, tendo tocado nas principais orquestras em Portugal. Participou também em festivais de música, destacando-se o International Mendelssohn Festival, em Hamburgo. Desde 2024, é membro da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

© DR

Sara Cymbron

Violino

Natural da Ribeira Grande, São Miguel, Açores. Tem mestrado em *performance* pela Hochschule für Musik und Theater Leipzig, após concluir a licenciatura na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto, e formação no Conservatório Regional de Ponta Delgada. Durante o seu percurso, integrou orquestras de renome internacional, como a MDR Sinfonieorchester, Wuppertal Sinfonieorchester, Mahler Jugend Orchester, Gewandhaus Kammerorchester, Anhaltische Philharmonie Dessau e Kammerorchester Halle. Foi distinguida com o 1.º lugar no Concurso Helena Sá e Costa (2016) e como bolseira das Fundações Calouste Gulbenkian e Medeiros e Almeida. Atualmente, integra o naipe dos segundos violinos da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

© INGA FREITAS

Tomás Costa

Violino

Iniciou o estudo do violino na Academia de Música de Santa Maria da Feira, com Augusto Trindade e António Fernando Silva. Foi posteriormente aluno de Daniel Rowland e Aníbal Lima, tendo completado a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra. É laureado pelo Prémio Jovens Músicos e vencedor do Prémio INATEL. Apresentou-se a solo com a Orquestra de Jovens de Santa Maria da Feira, Orquestra Académica Metropolitana e Orquestra Sinfónica da ESML. É ainda fundador do Ensemble Syndesi e integra a Camerata Atlântica, tendo-se apresentado em formação camerística nas mais diversas salas portuguesas. Foi nomeado para os PLAY – Prémios da Música Portuguesa com o CD *Luís de Freitas Branco – Sonatas*, editado pelo MPMP. Integra a Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 2024.

© BRUNO SIMÃO

Antonio Pirolli

Direção musical e Maestro titular
da Orquestra Sinfónica Portuguesa

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aída* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbau; *Il barbiere di Siviglia* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Faust* em Tóquio e Santander; *Un ballo in maschera* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medea* no circuito As.Li.Co.; *Norma* em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *La forza del destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.os 1, 3, 5* e *6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais: uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

Direção Artística
Pedro Amaral

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.
Conceição Amaral *Presidente*
Sofia Meneses *Vogal*

Bilheteira São Carlos na Boa Hora
Largo da Boa Hora, n.º 12
1200-289 Lisboa
+351 935 590 196
+351 213 253 045/6
reserva.bilhetes@saocarlos.pt

www.saocarlos.pt

Parceiros da Viagem de setembro a dezembro

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

SET–DEZ 2025

São Carlos em *andamento*

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

idealista

ANTENA 2

HORTO
DO CAMPO GRANDE